

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO INFANTIL: ponderações referenciadas na obra “CAZUZA”, de
Viriato Corrêa

Autora: Luciana do Nascimento Lotek de Menezes

Orientador: Prof.º Me. José Natanael Ferreira

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**EDUCAÇÃO INFANTIL: ponderações referenciadas na obra “CAZUZA”, de
Viriato Corrêa**

Autora: Luciana do Nascimento Lotek de Menezes

Orientador: Prof.º Me. José Natanael Ferreira

*“Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Pedagogia do Instituto Superior de
Educação da AJES, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia”.*

JUÍNA/2016

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Profª Esp. Carine Silvestrim Hermes

Profª Dr. Marileide Antunes de Oliveira

ORIENTADOR

Profº Me. José Natanael Ferreira

Dedico este trabalho a todos os leitores; e
à minha família pela dedicação, apoio e
compreensão ao longo do curso.

AGRADECIMENTO

À Deus acima de tudo;

Ao meu professor orientador por ter acreditado em meu trabalho, por sua orientação, paciência e pelos incentivos constantes sem os quais este trabalho não teria sido produzido. Ao meu esposo Ezequiel Roberto de Menezes e meu filho Luan Enrique Lotek de Menezes pela força, apoio e incentivo.

“A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui”.

Jean Jacques Rousseau

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo trazer considerações sobre a educação infantil sob a visão construtivista. Busca-se, analisar a importância da educação infantil para a infância da criança e a formação de uma educação a qual é a base para formar o cidadão crítico. Ressaltar que a infância tem fases importantes que não podem ser ultrapassadas, mas trabalhada para que cada etapa seja desenvolvida na idade certa. Este trabalho demonstrará pontos positivos de uma educação próxima de ser construtivista, os quais refletem em seu relacionamento social e para construção de conhecimento. O referencial teórico permitiu realizar uma breve análise da educação clássica no início do Brasil Colônia, como também identificar algumas considerações sobre a Educação Infantil clássica. Será abordada a obra de CAZUZA de Viriato Corrêa, identificando quais as competências do educador e como ensinar numa visão de que tudo não está pronto e acabado. Desse modo, permite entender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a construção de novos conhecimentos. Assim, professor, aluno e família tornar-se-ão importantes aliados no desenvolvimento da infância.

Palavra-chave: Educação infantil. Infância. Desenvolvimento. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to bring considerations on child education in constructivist view. The aim is to analyze the importance of early childhood education for the child's childhood and the formation of an education which is the basis to form the critical citizen. Noting that childhood is important phases that cannot be overcome, but crafted so that each step is developed at the right age. This work will demonstrate positive points which reflect in their social relationship and knowledge building. The theoretical frameworks allowed for a brief analysis of classical education at the beginning of colonial Brazil, as well as identify some considerations on the classic childhood education. It will look at the work of Cazuza Viriato Corrêa, identifying the skills of the teacher and how to teach the vision that everything is not ready and finished. Thus, it allows us to understand that teaching is not to transfer knowledge but to create possibilities for the construction of new knowledge. Thus, teacher, student and family can become important allies in the development of childhood.

Keyword: Early childhood education. Childhood. Development. Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO.....	11
2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL CLÁSSICA	19
2.2 A EDUCAÇÃO NA OBRA “CAZUZA”, DE VIRIATO CORRÊA	22
2.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL	27
3 METODOLOGIA	32
4 NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	34
4.1 A ESCOLA INFANTIL E SUAS EXIGÊNCIAS	37
4.2 O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS COMPETÊNCIAS	39
5 CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a infância é o período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência, em um conceito de construção social. No entanto, a ciência demorou focar o estudo sobre criança e infância, bem como considerar a criança como parte importante da sociedade. Neste objetivo de conhecer o universo infantil, estudos procuram entender o conceito de infância que têm diversas fases no processo de construção social da vida infantil.

Portanto, as análises sobre a história da infância remetem à compreensão de que somente a partir do século XIX, passou-se a ter preocupação com a infância da criança. Ao perceberem a infância como um problema social, não foi suficiente para tornar foco de estudo e solucionar o problema de uma parte da sociedade que era frágil e desvalorizada.

Compreende-se que foram poucos os estudiosos que procuraram conhecer a história da infância, como Aranha (2006), observou que a aprendizagem da criança se dava por observar os adultos e fazer serviços juntamente com os mesmos na prática do cotidiano, desse modo a aprendizagem acontecia naturalmente.

A partir do momento que começaram a surgir creches, jardins de infância e escolas, o ensino para as crianças começa a ser diferenciado. A primeira instituição escolar destinada às crianças e jovens era escola de ensino clássico por repetições, referida à fase da gramática, dialética e retórica. Percebe-se que os estudos consistiam em meras repetições, onde os alunos deveriam decorar tudo que o professor ensinava na concepção de depósito de conhecimento.

No entanto, outros escritores não concordam com esta educação clássica que se dá por transmissão de conhecimento, assim, Comenius (2001), entende que a educação tem que ser por etapas. Primeiro formar a inteligência para compreender as coisas que estão em seu convívio. Em segundo a formação da memória, mostrando as atividades de forma lúdica e em terceiro a linguagem, pois a fala da criança consiste em um sistema de símbolos sonoros, gestos e em gráficos.

Rousseau (1995), exorta a não ensinar novo saber complexo e abstrato sem que antes a criança desenvolva o raciocínio. Com sua visão naturalista foi uma

espécie de descobridor da infância, percebeu a infância como uma característica particular da vida da criança que se diferencia da vida adulta.

Portanto, o dever do educador é estimular os alunos, instigando-os a pesquisarem, refletirem, ensinando a serem críticos, autônomos, criativos e serem independentes para tomarem decisões. Nesse momento de expectativas sobre a aprendizagem do aluno, é imprescindível o professor trabalhar com métodos que levem o aluno a ser voluntário para a aprendizagem, trazendo novas atividades para chamar à atenção, fazendo que estes através do processo de aquisição de conhecimento se interessem em aprender.

Desse modo, o educador irá fazer da educação algo que não seja simplesmente uma transmissão de conhecimento, mas o novo que vai além de repetições, de memorização.

Dessa forma, esse trabalho foi organizado em cinco etapas iniciando-se com a introdução, breves considerações sobre o processo de ensino, que relata a forma de ensino utilizado em tempos antigos e concepções acerca das crianças, terceiro tópico apresenta novos desafios para educação infantil, os novos métodos de ensino e por fim conclusão e referências.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO

Quando se estudam as formas e os métodos pelos quais se processou a educação através dos tempos, é comum verificar que os estudiosos do assunto sempre se referem ao termo “educação clássica” ou “educação tradicional” para explicarem o processo de ensino-aprendizagem por repetições, as crianças aprendiam observando e repetindo atos e condutas dos mais velhos. Isso ocorreu desde os primeiros tempos da evolução humana até recentemente, tempos esses que interessam a este trabalho (ARANHA, 2006).

O modo clássico ou tradicional de educar jovens e crianças compreendia a prática cotidiana de introduzi-los no ambiente adulto para que, espontaneamente, observando e repetindo os fazeres e as decisões das pessoas mais velhas, pudessem, em situações assemelhadas, reproduzir o que haviam “aprendido/apreendido”, por quanto aprender é reter na memória adquirir conhecimento, e apreender é assimilar, perceber, entender, ou interiorizar através da inteligência, do raciocínio. Essa forma de educação que se verifica nas tribos (tanto nas tribos dos primórdios da civilização quanto nas tribos indígenas cujas existências estão mais próximas dos tempos atuais), também se praticou em ambientes de comunidades urbanizadas, tanto nas classes sociais com mais poder econômico, quanto nas classes sociais menos favorecidas pela fortuna.

Nas comunidades tribais as crianças aprendiam imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nos rituais. Tanto nas tribos nômades como naquelas que já se sedentarizaram, para se ocupar com a caça, a pesca, o pastoreio ou a agricultura, as crianças aprendem “para a vida e por meio da vida”, sem que ninguém esteja especialmente destinado para a tarefa de ensinar (ARANHA, 2006. p. 35).

Nas tribos, as crianças e os jovens aprendiam observando os adultos nos serviços diários. As aprendizagens sobre caça, pesca, pastoreio e agricultura aconteciam no decorrer das atividades diárias com os adultos sem que tivessem “profissionais” para ensiná-las. Aprendiam com seus ritmos, sem punições pelos erros eventuais. Aperfeiçoavam suas habilidades no exercício das atividades, com as devidas diferenças. De modo semelhante, isso também acontecia no campo e nas cidades com as crianças e jovens, que aprendiam e desenvolviam as

habilidades e competências para o exercício de suas rotinas pessoais e profissionais pela observação e repetição das pessoas mais velhas e com mais experiências.

Não se consegue precisar com exatidão o surgimento das escolas, pois, desde os tempos antigos, até mesmo nas civilizações da Mesopotâmia, do Egito e da Grécia Antiga, já existiam pessoas que se dedicavam à arte de ensinar. Todavia, elas ensinavam às crianças e jovens das classes sociais com maior poder econômico (a denominada nobreza). Dão-se exemplos, a arte do ensino dos filósofos da Grécia Antiga (Sócrates, Platão e Aristóteles, mais especificamente), que se dedicaram nas circunstâncias de suas épocas ao ensino da educação (ARANHA, 2006).

A escola como atualmente conhecida, pode-se entender que começou a se difundir na Europa por volta do século XVII, com os ensinamentos de Comenius (Jan Amos Komenský), principalmente a partir da publicação de sua obra *Didactica Magna*, em que divulgava ser *possível ensinar tudo a todos*. A partir de então, com a profusão das escolas nos séculos seguintes, ao ponto de a educação ser assumida como responsabilidade do Estado¹, a educação deixou de ser espontânea para se tornar formal, programada e planejada, com conteúdos específicos a serem ensinados conforme etapas previstas na estruturação previamente definida pelos profissionais responsáveis por elaborá-la e organizá-la nas instituições de ensino públicas ou privadas (ARANHA, 2006).

Quando primeiro governador-geral, Tomé de Souza, chegou ao Brasil em 1549, veio acompanhado por diversos jesuítas encabeçados por Manoel da Nóbrega. Apenas quinze dias depois, os missionários já faziam funcionar, na recém-fundada cidade de Salvador, uma escola “de ler e escrever”. Era o início do processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, espalhados pelo Brasil até o ano de 1759, ocasião em que os jesuítas foram expulsos pelo marquês de Pombal. (ARANHA, 2006. p. 140).

No Brasil, nos primeiros séculos pós-descobrimento, a missão de ensinar incumbiu-se principalmente aos jesuítas da Companhia de Jesus que chegaram aqui em 1549, com o primeiro Governador-Geral, Tomé de Souza. Primeiramente, os

¹ A exemplo do Brasil da atualidade, em que a Constituição Federal promulgada em 5 de outubro de 1988, que afirma, em seu artigo 205, que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

jesuítas dedicaram-se à catequização dos indígenas e posteriormente, dos filhos dos colonos e dos filhos dos senhores. Com o tempo fundaram missões em vários pontos da Colônia e estabeleceram escolas de ler e de escrever em quase todas as povoações e aproximadamente duas dezenas de colégios e seminários de ensino secundário, principalmente em Salvador, Ilhéus e Porto Seguro, na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Vicente, na Província de São Paulo, em Pernambuco (Olinda e Recife), também no Espírito Santo e no Maranhão (ARANHA, 2006).

Como afirma a autora, no início, nas escolas jesuítas no Brasil-Colônia, as salas de aulas eram uma mistura de adultos e crianças. Com o decorrer do tempo, os jesuítas passaram a separar as salas para preservar e proteger as crianças das más influências dos adultos. Nesse tempo, o objetivo da escola era a transmissão de conhecimento, a disciplina e formação do caráter do aluno, e se fosse preciso, utilizavam-se castigos e punições severas.

Embora fosse o ensino religioso o traço principal das escolas jesuítas, foram os jesuítas responsáveis maiores no Brasil Colonial. Nessa época, a educação no Brasil era fruto do ensino jesuítico, toda a estrutura educacional brasileira estava centrada na organização da Companhia de Jesus. Em 1759, por ordem de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal e os jesuítas foram expulsos das terras portuguesas, inclusive das terras das colônias, dentre elas, as terras do Brasil. Com a saída dos jesuítas, a organização do ensino no Brasil Colônia desestruturou-se, inicia-se então, a assunção da educação pelo Estado, primeiramente pelo Império, depois pelo governo republicano (ARANHA, 2006).

A partir dessa constatação, pode-se dizer que a educação clássica está relacionada a três estágios básicos: a fase gramática, a fase dialética e a fase retórica (PEINADO, 2012).

Na primeira fase da educação, da gramática, relativa aos primeiros anos da vida escolar, a criança começa conhecer as primeiras letras e recebe um conjunto de informações básicas para começar a associá-las com a gramática que lhe é apresentada. Nessa fase gramatical, utiliza-se o método de repetições e memorização, não exigindo da criança o uso do raciocínio para formação de pensamento crítico, mas sim, somente para reproduzir o que lhe foi ensinado. Sabe-se, que as crianças nos seus primeiros anos de vida possuem grande habilidade

para memorizar e com as repetições decoram os conteúdos que lhes são passados, memorizam, embora que ainda, não entendam o significado (PEINADO, 2012).

Na segunda fase da educação clássica, os professores passam a estimular a mente da criança. Nessa fase, por sua lógica, a criança começa a se expressar e opinar sobre o que aprendeu na fase gramatical. Essa é a fase da infância em que a criança faz muitas perguntas, às vezes repetidas e quando recebe as mesmas respostas, memoriza-as. Depois de certo tempo de memorização, a criança começa a perguntar de forma diferente: “como sabe?” ou “por quê?”. Nesse estágio, a criança está passando da fase gramatical para a fase dialética (PEINADO, 2012).

No terceiro estágio de educação clássica, na fase retórica, por volta dos doze aos dezoito anos equivalentes, no Brasil atual, à passagem do ensino fundamental para o ensino médio, o jovem aprende a se expressar de forma persuasiva, utiliza-se de sua habilidade para convencer terceiros e para impor suas opiniões. Nessa fase escolar, deseja-se que o aluno se expresse usando pensamento crítico em suas escritas e em seus discursos (PEINADO, 2012).

Comenius (2001), já contradizia essa forma de educação clássica nas primeiras idades infantis, pois, dizia que o ensino possui etapas importantes que não podem ser ultrapassadas e que na escola deve-se ensinar de tudo para todos. Exemplificando seu entendimento, o autor fazia menções sobre a natureza, dando o exemplo das aves e sobre os processos pelos quais se passa para nascer um filhote de ave. Primeiro a mãe ave bota os ovos e aquece por vários dias, no decorrer do aquecimento forma a ave dentro do ovo, depois da ave formada o ovo eclode, então nasce a ave. Logo, começa o processo de aprendizagem, primeiro aprende a andar sobre o ninho, só depois aprende a voar. Dizia também, que da mesma forma acontece com as crianças, dado que, na escola qualquer ensino deve iniciar pelos elementos básicos:

Em primeiro lugar, formar-se-á a inteligência para a compreensão das coisas; em segundo lugar, a memória; em terceiro lugar, a língua e as mãos. O professor deverá procurar todos os caminhos de abrir a inteligência e fazê-los percorrer de modo conveniente. (COMENIUS, 2001. p. 67).

A partir dos entendimentos expressados por Comenius, compreende ser necessária nas escolas, no ensino formal, a distribuição do ensino por graus e por

classes, de modo que os primeiros conteúdos sejam a base para os conteúdos seguintes e assim sucessivamente. Nesse processo de ensino e de aprendizagem, o professor, principalmente o dos primeiros anos escolares, deve estar sempre atento tanto ao tempo para realização de cada atividade por ele proposta, atribuindo a cada uma delas tempo suficiente para que os alunos possam compreendê-la e aprendê-la, como também ao tempo necessário para que o aluno aprenda, pois, cada pessoa possui sua individualidade e suas características pessoais, inclusive no que se refere ao modo e forma de aprender, de raciocinar em relação ao apreendido (COMENIUS, 2001).

Já em sua época, Comenius (2001) afirmava ser importante ensinar a criança desde muito cedo, antes que ela aprenda erroneamente, deve-se aproveitar que a mente infantil está “livre e desocupada” de aprendizagens estranhas. Daí a importância que se atribuiu à necessidade de a criança frequentar o ensino regular na escola, até pelo menos o ensino médio, correspondente no Brasil à idade compreendida entre os seis e quatorze anos.

A educação formal que se encontra no ambiente escolar, objetiva preparar a criança, iniciando seu aprendizado pelos princípios elementares dos conteúdos, prosseguindo para os planos mais complexos, porém, sem exagerar, sem sobrecarregar a criança com tarefas incompreensíveis e sem que ela tenha aprendido os conteúdos anteriores. Para isso, torna-se importante que todos os conteúdos tenham e façam sentido para a criança, dado que, na ausência de sentido ou na falta de método de ensino, as crianças (os alunos) sentem maiores dificuldades para aprender. Essa é uma das razões pelas quais o processo de ensino-aprendizagem deve se desenvolver lento e progressivamente, para que as crianças (os alunos) aprendam a gostar de aprender novos conteúdos (COMENIUS, 2001).

No processo de ensino-aprendizagem, os pais são parte importante na vida da criança para instigá-la a aprender, orientando-a a estudar, oferecendo-lhe incentivos pelo bom desempenho nos estudos. Entende-se que a educação formal da criança deve ser iniciada com um só professor, que trabalhe os conteúdos específicos. Esse professor, ao ministrar os ensinamentos deve procurar despertar na criança o desejo de aprender e para isso, deve utilizar método agradável, que chame a atenção da criança, sem oprimi-la. O sentimento de opressão faz com que

a criança (o aluno) desista de estudar, de aprender e até mesmo de frequentar a escola (COMENIUS, 2001).

Embora não se negue a importância dos pais, nos anos iniciais do processo formal de ensino-aprendizagem o professor é a peça principal, o mesmo deve ser acolhedor e amoroso, trazendo para junto de si todos os alunos, agradando-lhes e despertando a confiança, para que assim, sintam gosto pela escola e vontade de nela estar. Porém, além de tudo, o ambiente escolar também possui relevância nesse processo (COMENIUS, 2001).

A escola, principalmente aquela voltada à educação dos primeiros anos da vida estudantil, deve ser atraente aos olhos da criança (do aluno). O ambiente deve ser bem iluminado, limpo, fresco, agradável, aconchegante, preferencialmente com decoração e enfeites atraentes ao público infantil, à criança que lá irá estudar. Na educação infantil, a escola deve possuir parques e jardins nos quais a criança possa brincar e se divertir. O essencial é aproveitar o ambiente escolar para atrair a criança, mas também, servir-se de métodos que facilitem o aprendizado. Em condições sociais normais, a escola deve oferecer segurança, como se fosse a extensão do lar, agradável e familiar. Por óbvio que, nas hipóteses de ambientes familiares que não propiciem essa segurança à criança, o tratamento será diferente e próprio para os casos concretos. No entanto, mesmo nessas hipóteses o ambiente escolar deve ser acolhedor, representar e despertar na criança os sentimentos de confiança e de segurança (COMENIUS, 2001).

Segundo o autor, nesse contexto de ensinar e de aprender, professor e aluno devem se entender. Ao professor cabe explicar os conteúdos em linguagem conhecida e com exemplos do cotidiano da vida dos alunos. O aluno, primeiro precisa compreender a linguagem, para depois escrever, assim, estará refletindo sobre o que aprendeu. Dessa forma, é importante ter em mãos livros, quadros, mapas, todo material necessário para o aluno ter acesso. É imprescindível primeiro formar a inteligência do aluno, depois a linguagem a partir de autores determinados para tal ensinamento.

O autor Rousseau (1995), em seu primeiro livro diz: “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem.” Inicia o livro com esta frase porque sabe que o homem é um ser capaz de fazer grandes coisas, o homem nasce bom, puro, sem malícia, porém a vida em sociedade o transforma,

altera tornando artificial a natureza que o cerca, mudando a paisagem, transformando até mesmo o clima.

O autor considera a primeira infância a mais importante, que é desde o nascimento até aos doze anos, portanto exorta a não ensinar novos saberes às crianças, mas manter da forma natural como ela é, conservando na pureza, fortalecendo a qualidade natural nascida com a criança. Não se deve ensinar muita coisas complexas e abstratas sem antes desenvolver o raciocínio, o aprender, o intelecto. Nesta primeira infância a razão está adormecida e surge somente à necessidade física, esta sim deve ser cuidada com toda atenção e não com punições, mas deixando fluir o aperfeiçoamento da aprendizagem (ROUSSEAU, 1995).

[...] que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para vida humana. Viver é ofício que lhe quero ensinar. Saindo das minhas mãos, ele não será, concordo nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. (ROUSSEAU, 1995, p. 15).

Entende-se quando o homem é bem formado na sua primeira infância, desempenhará um excelente papel na sociedade, por mais que os pais queiram que seus filhos sigam tal carreira, sem compreender o tempo certo, nada adiantará. Na visão do autor é ensinar a criança para além da profissão, ensinar a arte de viver a vida. Neste momento de desenvolvimento da vida da criança o professor deve interferir menos, mas estimulando na busca de conhecimento, nas experiências que acontecem no decorrer do dia a dia. Por isso, a importância de cultivar na criança sua própria maneira de ser, o jeito de olhar e de sentir, sem ultrapassar etapas, substituindo o olhar infantil pela vontade própria do adulto (ROUSSEAU, 1995).

Esta fase da vida infantil, deve ser vivida ludicamente no olhar para a natureza, no tocar as coisas apresentadas no meio que está inserida, no ouvir o som que soa aos seus ouvidos trazendo nova melodia. O autor propõe a educação por etapas, onde crianças de zero a cinco anos crescem se relacionando somente com a natureza, sem restrições, pois, a natureza cuidará dela tornando-a forte. A partir dos cinco anos até aos doze anos, deve ser preparado o corpo físico da criança com atividades que desenvolvam habilidades de controle motor, força e agilidade em

diferentes atividades, de maneira que a criança não exercite seu pensamento lógico. Como diz Rousseau (1995).

[...] com sua força desenvolve-se o conhecimento que as põe em estado dirigi-la. É nesse segundo período que começa propriamente a vida do indivíduo; é então que a criança toma consciência de si mesma. A memória projeta o sentimento de sua identidade em todos os momentos de sua existência; ela torna-se verdadeiramente uma; e mesmo; e por conseguinte já capaz de felicidade ou de miséria. Importa, portanto começar a considerá-la um ser moral (ROUSSEAU, 1995, p. 60).

Só então, a partir dos doze anos a criança começa a compreender o mundo como ele realmente é. A leitura e a escrita começam a fazer parte de sua vida, passa a ter um entendimento do mundo da forma que ele é. Logo, começa adquirir conhecimento, a curiosidade vai surgindo e cada vez mais vai desenvolvendo seu aprendizado, surgindo à oportunidade de aprender uma profissão, sem que o adulto a determine para o mesmo. Sendo assim, ao exercer uma profissão começa a se relacionar junto à sociedade com mais intensidade.

Por isso, Rousseau (1995), critica esta educação tradicional de severas punições, que sacrifica a criança na infância sem ter certeza do futuro, que oprime a criança transformando-a em um ser infeliz, na tentativa de torná-la feliz. Não percebem que destroem a infância e a criança não desfruta, nem sabe sequer o que é infância. O autor deixa claro, para que o homem seja humano, é importante que não retire da criança o que ela tem de precioso que é a primeira infância, respeite, pois, se Deus a chamar, não morra sem ter gozado a vida que é tão preciosa e está presente na infância.

Entende-se, que a partir dos quinze anos entra em sua fase de educar o coração, surgem os sentimentos. Compreende que a partir dos vinte anos estão prontos para se assumir diante da sociedade, os serviços sociais lhes esperam. Lavrar a terra, conduzir o arado, carregar tonéis, serviços estes que seus pais praticam, desde então o homem está pronto para viver em sociedade. (ROUSSEAU, 1995).

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL CLÁSSICA

Na passagem histórica da Idade Feudal para a Idade Moderna, entremédio dos séculos V a XVIII, principalmente na Europa Ocidental, A sociedade via a criança de forma errônea e a adolescência não existia naquela época, as famílias não tinham vínculo afetivo com as crianças, simplesmente passavam de criança pequena à jovem adulto e começavam a participar da vida adulta com menor idade. A partir dos setes anos já ingressava no meio dos adultos e faziam serviços braçais iguais aos demais (KUHLMANN e FERNANDES, 2011).

Segundo Kuhlmann e Fernandes (2011), a história da infância passou por diferentes mudanças, conforme os séculos foram passando, as mudanças aconteceram em longo prazo. Esta mudança de aceitação da criança em meio à sociedade fez com que surgisse à necessidade de uma educação planejada para tal idade na infância, a partir do século XV as mudanças começam a aparecer de forma mais esclarecida.

Durante algum tempo a educação acontecia no interior da família, somente após um longo período de tempo passou a ser de responsabilidade da escola. A concepção de infância, escola e pedagogia dar-se-á em relação das crianças com a sociedade, a forma que a criança começa aparecer no meio da sociedade vai surgindo vários processos de relacionamentos com o meio que está inserida. Desse processo de relacionamento são construídas formas de se relacionar com os outros, se constrói um processo de desenvolvimento devido a essa conexão com o diferente, portanto, a sociedade começa reconhecer que há uma necessidade de tratar a criança de forma diferenciada dos adultos (ANDRADE, 2010).

A sociedade não percebia a importância da infância para as crianças, os adultos não davam atenção e a infância era reduzida a um pequeno espaço de tempo e logo a criança se misturava aos adultos, sem ter a mesma estrutura física. Nota-se, que durante séculos a educação e a aprendizagem foram formadas através da convivência com os adultos (ANDRADE, 2010).

A infância tem se construído em um campo emergente de estudos para varias áreas do saber, porem focados em divergentes abordagens, enfoques e métodos, os quais determinam distintas imagens sociais sobre as crianças. (ANDRADE, 2010, p. 47).

O estudo sobre a ausência da infância na antiguidade relata os altos índices de mortalidades de crianças em épocas passadas, revelando assim uma criança sem qualidade e sem nenhuma preparação para entrar no mundo dos adultos. Segundo Andrade (2010), não existia o discurso de infância, nem a figura social chamada criança, não porque não houvesse criança, mas pelo fato de não haver infância na vida da criança, como hoje discorre na modernidade. Infância é uma etapa de desenvolvimento da vida do ser humano que está relacionada desde seu nascimento até a fase da puberdade, que deve ser cuidada, cultivada, preparando assim a criança para o futuro.

Assim, percebe-se que as crianças da Idade Média não tinham propriedade particular, eram sem função até que começassem a trabalhar, por esta causa era alto o índice de mortalidade infantil nas famílias pobres, crianças sem estrutura e preparo físico estavam sendo inseridas no meio dos adultos para executar serviços que exigiam muito esforço e preparo físico. As crianças de famílias com menor poder aquisitivo, a partir dos sete anos ingressavam no trabalho e as crianças de famílias nobres, ou seja, com maior poder aquisitivo tinham educadores para ensinar e prepará-la para o futuro (ANDRADE, 2010).

No século XVI, as mulheres começaram a se dedicar às crianças, demonstrando um pouco de sentimento, este sentimento permitiu ações sobre cuidados pela vida da criança, expressando através das manifestações físicas do carinho com beijo, com abraço, com toda atenção redobrada suprimindo as necessidades da criança. No século XVII, as famílias não tinham privacidade no que diz respeito à educação dos filhos, tudo era coletivo e as funções de educar se dava em um todo. A participação da criança em meio à vida adulta garantia sua aprendizagem, conhecimento de valores e costumes. Estes costumes de criar as crianças no meio dos adultos vinham do pensamento dos moralistas da igreja, dizendo que as crianças eram criaturas de Deus e deveriam ser cuidadas e vigiadas a todo o momento (ANDRADE, 2010).

A partir do século XVIII, muitas transformações ocorrem no meio das famílias, causadas pela motivação do sentimento familiar em ter privacidade, ocorrendo mudanças até mesmo no espaço físico das casas.

A intimidade e a vida privada da família moderna propõem novas relações familiares, acompanhadas por mudanças de valores, especialmente em relação à educação das crianças. A criança assume um lugar central na família, pois se antes era cuidada de forma difusa e dispersa pela comunidade em geral, passará a ser responsabilidade dos pais. Ou seja, com o capitalismo e a propriedade privada, a criança passa a ser responsabilidade dos pais e também dona e herdeira das riquezas, misérias e valores sociais. (ANDRADE 2010, p. 50).

O modelo familiar vem sendo reconstituído, com isso a responsabilidade dos pais são modificadas, o pai continua sendo o progenitor do lar e a mãe passa a ser responsável pela casa e a educação dos filhos, a família passa a ter uma vida privada. A partir desse momento as crianças começam ser consideradas partes da sociedade, que entendeu que estas precisavam de atenção e cuidados, pois, eram totalmente dependentes, de natureza frágil, seres humanos que necessitavam ser moldados para se tornar adultos competentes. Todo esse processo era de responsabilidade da família, torná-las pessoas socializadas (ANDRADE, 2010).

A burguesia com seu poder dominante faz surgir o sentimento pela infância, as famílias despertam e percebem que a criança precisa de um tratamento diferente dos adultos. Neste novo modelo familiar, a família é responsável de garantir a seus filhos o direito de bem estar e de sobrevivência física, social e psicológica da prole, conforme Andrade (2010), esse cuidado garantia o relacionamento da criança com a sociedade e a responsabilidade da mãe ser educadora é uma construção social. As mudanças no meio da família não param e continuam fortes, a dedicação pela infância, à necessidade de educar os filhos separados dos demais, são fatores importantes para o surgimento da escola, a qual passou a ser forma de separação da vida das crianças do meio dos adultos, esta separação para o ambiente escola era somente para as crianças da burguesia, porém, os filhos dos camponeses continuavam no meio dos adultos.

O conceito de infância está relacionado a um período da vida do ser humano, que é do seu nascimento até a fase da puberdade, ou seja, até aos doze anos de idade. O sentimento de infância, é a compreensão de que as crianças são dependentes dos adultos em todo momento, os adultos passam a tratá-las com carinho, cuidado, agradando-as com elogios. Para algumas etnias e cultura, a fase da puberdade é considerada o fim da infância e o início da vida adulta (ANDRADE, 2010).

2.2 A EDUCAÇÃO NA OBRA “CAZUZA”, DE VIRIATO CORRÊA

O livro Cazuza de Viriato Corrêa é uma obra da literatura brasileira. Manuel Viriato Baima do Logo Filho nasceu em 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas, no Maranhão, e faleceu no Rio de Janeiro em 10 de abril de 1967. O livro retrata a história de um menino ansioso em conhecer a escola, porém não sabia que teria de enfrentar a dura rigidez de uma educação clássica no final do século XIX, submetendo-se a instrumentos como a palmatória, como método de ensino, entre outros instrumentos (CORRÊA, 1992).

O autor revela que o menino Cazuza teve dois motivos para ter vontade de ir para a escola. Um dos motivos seria o de usar calças de menino, pois, estava frustrado de vestir roupinhas de menina, queria vestir roupa de homem como via os meninos que usavam calças para ir à escola. Outro motivo porque a primeira vez que Cazuza foi à escola, esta estava em festa, assim, seu conceito sobre a escola foi um dos melhores, sendo outro motivo para pensar que a escola era um lugar alegre, cheio de brincadeira, música e diversão. A festa da palmatória era o encerramento do ano letivo, o discurso do professor começava desejando boas férias aos alunos e terminava alertando a não se esquecerem das lições, deveres de moral e disciplina (CORRÊA, 1992).

Cazuza ficou impressionado quando soube que iria à escola no próximo ano, houve vários comentários no meio dos meninos e outros também se empolgaram em ir para a escola. Chega então o grande dia, levantou bem cedo, primeiro que todos da casa, pois, estava ansioso em sair logo e chegar à escola. Quando chegou à escola viu que tudo estava diferente do dia da festa.

A escola ficava no fim da rua, num casebre de palha com biqueiras de telha, caiado por fora. Dentro — unicamente um grande salão, com casas de maribondos no teto, o chão batido, sem tijolo. De mobiliário, apenas os bancos e as mesas estreitas dos alunos, a grande mesa do professor e o quadro-negro arrimado ao cavalete. (CORRÊA, 1992. p. 26).

Este primeiro contato com a escola que tanto sonhava trouxe tristeza ao seu coração, percebeu que tudo estava diferente do dia da festa e ficou com a sensação que tudo o que tinha na escola era para entristecer os que ali chegassem. Porém,

não era somente Cazuza que estava triste, mas seus colegas também; Chiquinho, Maneco e o Vavá, para estes também eram o primeiro dia de aula (CORRÊA, 1992).

Cazuza ao se entristecer procurou no rosto de seus colegas um olhar que lhe desce segurança, não encontrou nenhum, todos estavam tristes e com medo. Cazuza percebeu que a linda festa era somente naquele dia, agora estava transformada em tristeza o que antes era alegria. O primeiro dia de aula terminou frustrado, sem forças, triste e abatido (CORRÊA, 1992).

Percebe-se que a precariedade da escola como retrata o texto, demonstra a situação da escola do interior, Pirapemas era uma cidade do interior do Maranhão a margem do rio Itapicuru, um lugar muito pobre, não havia outro tipo de instituição a não ser a escola. Esta escola se diferenciava das outras dos grandes centros urbanos, tanto na estrutura quanto nos materiais. Nota-se, a forma do professor trabalhar o método usado “palmatória”, um recurso que fugia dos novos processos pedagógicos (CORRÊA, 1992).

As escolas do interior não recebiam verbas do governo do estado para melhorar o funcionamento, o governo investia no espaço urbano com infraestrutura, saúde etc.. No povoado a escola era o único lugar de civilização, as crianças se socializavam umas com as outras, entendia-se que ali era um lugar de novas aprendizagens (CORRÊA, 1992).

Para Cazuza, a sala feia, triste, o professor com cara de feroz como se fossem receber ali criminosos, os castigos por menores atos, o silêncio na sala, tudo isso contribuía para as crianças se afastarem da escola. O medo de ser castigado e apanhar de régua eram frustrantes, o lugar deveria trazer alegria aos alunos, porém tornava-se um inferno. Outros dois castigos que todos comentavam ser horrível, era o de ficar de joelhos sobre grãos de milho e a orelha de burro, onde eram colocadas sobre a cabeça da criança duas enormes orelhas feitas de papelão e fazia a criança andar pelas ruas, sendo vaiado por outros colegas (CORRÊA, 1992).

Observa-se que a história do Pata-choca retrata a infância de muitas crianças que não recebiam cuidado da família. Pata-choca era um menino que pertencia à sala de aula de Cazuza, um aluno atrasado na escola, que não conseguia aprender, há tempos estava na escola, mas não era alfabetizado. Todos viam no Pata-choca um menino sem futuro, aparentava ser doente, amarelo, barriga

grande, não tinha forças para viver, Pata-choca gostava de comer torrões de terra, por isso era desnutrido (CORRÊA, 1992).

O pai do Pata-choca lhe batia muito, o menino não tinha mãe, retrato de uma infância sofrida. Seu pai surrava-o constantemente, quando o professor reclamava por não fazer nada na escola, seu pai o açoitava, agredia-o, deixando marcas no seu rosto, braços e pernas.

O Pata-choca era o aluno mais atrasado da escola. Havia bastante tempo que lá estava e não conhecia, sequer, as letras do alfabeto. Talvez já tivesse dez anos, mas, pela inteligência, não parecia ter mais de cinco. O povoado inteiro o considerava o modelo do menino que não dá para nada [...]. Era um pequeno amarelo, feio, desmazelado, carne balofa, olhos mortos, barriga muito grande e pernas muito finas. Vivia silencioso, boca aberta, cochilando nos bancos, com um eterno ar de cansaço, como se a vida lhe fosse um grande sacrifício[...]. O pai (ele não tinha mãe) dava-lhe surras tremendas, de lhe deixar o corpo moído e de levá-lo à cama. (CORRÊA, 1992. p.60).

As crianças da época de Cazuza eram tratadas assim em diversas famílias, os pais não lhes davam a devida atenção, punia-os pelos erros cometidos, desse modo muitos saíam de casa e iam morar nas ruas, por não suportar o sofrimento dentro de casa. Outras crianças sofriam de desnutrição, pois tinham uma má alimentação e trabalhavam em serviços braçais iguais aos adultos, muitas não tinham estrutura física, mas deveriam trabalhar em serviços que exigiam muita força (CORRÊA, 1992).

Na época de educação clássica tradicional, os piores dias de aula eram as sabatinas como afirma o autor.

NOS DOIS ANOS E MEIO em que alisei os bancos da escola da povoação, não houve para mim dia pior do que aquele da sabatina de tabuada [...]. A sabatina de tabuada era, realmente, o grande pavor dos meninos do meu tempo. O professor chamava quinze, vinte, trinta alunos, colocava-os de pé, em fila, conforme a ordem de chamada, e fazia-lhes perguntas. A resposta devia ser dada imediatamente, em quatro ou cinco segundos. Se o aluno da ponta da fila não respondia acertadamente, o professor, com rapidez, passava ao segundo, ao terceiro, ao quarto, ao quinto, aos outros. (CORRÊA, 1992. p.63).

Para Cazuza, este foi um dos piores dias de aula, quando o professor organizou a fila e começou a fazer as perguntas, o primeiro aluno não tinha chance de responder, não tinha tempo para fazer o cálculo, nem tinha condição de fazer

com tanto medo. Os primeiros sempre erravam e todos levavam palmatória, enfim, os últimos da fila conseguiam acertar, pois, até o professor chegar ao final da fila tinham tempo para raciocinar (CORRÊA, 1992).

As perguntas eram feitas embaralhadas de propósito como: três vezes sete, multiplicado por doze, menos cinquenta e dois, dividido por cinco. Observa-se, que as aulas de sabatinas (aulas realizadas aos sábados como recapitulação do que foi estudado durante a semana), eram aulas de aritmética, que hoje conhecemos como matemática, com conteúdos dentro das quatro operações multiplicação, divisão, adição, subtração. Esse tipo de atividade servia para ver se os alunos realmente estavam memorizando o conteúdo. Aqueles que não respondiam eram castigados e o que todos temiam era a palmatória (CORRÊA, 1992).

Os pais de Cazuza não aceitaram a situação ficaram indignados, porém, não foram conversar com o professor, questioná-lo o porquê de tanta violência. Já sabiam que o sistema daquela época era desse jeito como afirmou o tio de Cazuza, dizendo que a escola deveria ser rígida, pois, se não fosse assim, não teria como educar as crianças. “Qual bárbaro, que nada! No meu tempo era mais rigoroso do que hoje e ninguém morreu por apanhar. Sem palmatória é que não pode haver ensino.” (CORRÊA, 1992). A mãe defendia dizendo que não precisava de tanta violência para educar as crianças, por fim decidiram que Cazuza não mais frequentaria a escola do povoado, mais tarde iria estudar na Vila.

Segundo o autor, quando Cazuza e sua família se mudaram para a Vila a esperança do menino é revitalizada, sente vontade de ir para à escola, ao ver as outras crianças correndo e brincando na rua quando saiam da escola. Imaginava que a escola deveria ser boa, pois, saiam felizes. Ao ir para a escola da Vila de Coroatá pela primeira vez acompanhado de seu pai, sentiu seu coração bater forte.

Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho. Os meninos e as meninas, que me viram chegar, olharam-me risonhamente, como se já tivessem brincado comigo. Eu, que vinha do duro rigor da escola do povoado, de alunos tristes e de professor carrancudo, tive um imenso consolo na alma. A escola da vila era diferente da escolinha da povoação como o dia é da noite. (CORRÊA, 1992. p.75).

Cazuza ficou impressionado, percebeu que a escola parecia um sonho. As professoras muito carinhosas e simpáticas, de voz doce que soava aos ouvidos

como se fosse da própria mãe. Cazuza dizia que “Dona Janoca tinha vindo da capital, onde aprendera a ensinar crianças”. Percebe que os professores de Vila de Coroatá tinha curso especializado na área de pedagogia, trabalhava nesta profissão porque realmente gostava do que faziam. A escola da Vila também não tinha estrutura adequada, os móveis eram velhos, o prédio era precário, precisava de uma reforma, mas não tinha dinheiro (CORRÊA, 1992).

No entanto, a diretora da escola junto com as professoras não ficou de braços cruzados, saíram atrás de recursos, fizeram rifas, organizaram festas, leilões, bazares (CORRÊA, 1992), a fim de arrecadar verbas para a escola. Ao conseguir as verbas pintaram a escola, transformaram a escola velha em uma nova escola e os alunos se maravilharam com a beleza da escola. Não só as crianças, os pais também admiravam o esforço das professoras.

A vida de Cazuza no povoado em Pirapemas e depois na Vila de Coroatá era muito simples e sem progresso, quando Cazuza muda-se para a capital do Maranhão, São Luiz, a realidade muda totalmente, o menino vai estudar em uma escola interna. Muitas são as experiências vividas desde a primeira vez que o menino começou a frequentar a escola. A escola do povoado era cruel, triste, desestimuladora, o professor gritava e castigava as crianças. Na escola da Vila encanta-se com as professoras, pois, estas eram meigas, amorosas, então identifica com o amor maternal (CORRÊA, 1992).

No colégio interno na cidade já é outra situação, o menino deve se adaptar com a cidade, o colégio e as novas disciplinas, novos professores, novas amizades, enfim, tudo é novidade na vida de Cazuza. Observa-se que não tinha muito conhecimento, todas as coisas da cidade chamam sua atenção, as lojas, farmácias, igrejas, carruagens, até os jardins encantava o menino, mas a livraria onde vendiam brinquedos junto a materiais escolares era o que ele mais gostava. Mas, seu encantamento estava nos relógios de parede, quando os ponteiros marcavam a hora certa os cucos saíam para cantar. Os cucos são os pássaros que saíam de dentro da casinha no relógio (CORRÊA, 1992).

As novas descobertas enchiam o menino de entusiasmo, as várias mudanças de Cazuza, do povoado para a Vila e da Vila para a capital oferta-lhe muitas experiências, com isso, sempre adquiria muitas aprendizagens. De tudo que presenciava nas escolas, em casa, na vizinhança, com os colegas, compreendia que

eram valores e que deveria ser utilizado no convívio do cotidiano no meio da sociedade que estava inserido. No Colégio Interno Cazuza teve de se adaptar com o novo ambiente, todas as experiências já vividas eram totalmente diferentes das que agora presenciava. As lições e disciplinas das escolas eram diferentes, o professor João Candido ao passar a lição pediu que escrevessem suas ideias sobre o tema “Bandeira Nacional”.

O professor bateu a campainha, pedindo silêncio e recomendou: — Não quero frases: quero ideias. Ninguém se preocupe com palavras bonitas; preocupe-se, porém, com bonitos pensamentos. Quanto menos palavras e quanto mais pensamentos — melhor. A palavra não é laço de fita cuja serventia é enfeitar. A única utilidade que ela tem é exprimir o pensamento. Não existe palavra feia nem bonita. Todas elas são belas, quando vestem belas ideias e todas são feias quando são vazias e nada exprimem. (CORRÊA, 1992. p.159).

Todos os alunos se alegraram por ter um tema novo para escrever. Porém, no dia seguinte souberam que suas escritas não foram as melhores, então o professor explica o que deveria ser escrito sobre o tema. O assunto que deveria ser escrito pelos alunos era a história do país, o professor fez uma revisão do conteúdo lembrando-se dos heróis que aqui chegaram e trabalharam incansavelmente, defendendo o solo brasileiro, expulsando os invasores franceses que chegaram ao Rio de Janeiro e no Maranhão (CORRÊA, 1992).

O livro de VIRIATO revela um grande marco, deste voluntário que lutou para defender seu país, sua pátria querida. Ensina aos alunos serem homens honestos, trabalhadores, lutarem pelos seus direitos, buscarem conhecimento, não deixando que a dura realidade da vida nem mesmo os afazeres domésticos os impeçam de buscarem conhecimento, mas sim, devem esforçar-se para estar entre os que sempre vencem na vida (CORRÊA, 1992).

2.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

A abordar a obra de Viriato Corrêa, “CAZUZA”, vê-se tratar-se de uma obra moralista, na qual se conta a história de um garoto do interior do Maranhão, na transição do século XIX para o século XX, que inicia seu primeiro ano escolar na escola de seu povoado (CORRÊA, 1992).

O autor mostra a precariedade daquela escola rural ao narrar seu aspecto físico, cuja má conservação demonstra o desinteresse do Poder Público em destinar verbas para a sua manutenção e para melhor equipá-la com mobiliário, material didático, alimentação, deixando-a carente e desprovida. Outro problema que lá havia era a aparência e as atitudes do professor, pois lá a relação professor/aluno não existia: o professor era autoridade e autoritário dentro e fora da escola. O semblante do professor era daqueles que ia à escola somente para cumprir horário, não estava satisfeito com a profissão que atuava, o mau humor estava estampado no seu rosto. Esses fatos afastavam os alunos da escola, pois, sentiam medo do professor (CORRÊA, 1992).

Nos dias atuais, também temos professores que atuam na área somente para cumprir horário mantem-se afastado dos alunos, insatisfeitos, frustrados pela má remuneração, os alunos são usados como válvula de escape, a qualquer momento descarrega o seu descontentamento sobre o aluno para aliviar sua carga que está em excesso. Incluindo a insatisfação do professor e a necessidade do aluno de trabalhar para ajudar na renda familiar provoca a evasão escolar. Os alunos de classe baixa que frequentam as escolas públicas tem a necessidade de começar trabalhar ainda com menor idade, muitos alunos não conseguem conciliar escola e trabalho, no que consiste a evasão escolar.

A obra nos da clareza de uma educação clássica de severas punições como, palmatória, ajoelhar sobre grãos, usar orelhas de burro entre outros castigos. Nos dias atuais não temos castigos físicos, mas temos punições disciplinadoras através de notas nas provas, no entanto, o aluno deve tirar notas na prova acima da média, os que não conseguem alcançar esta meta ficam frustrados por saber que não conseguiram alcançar a nota que estava proposta e muitos sofrem bullying de outros colegas. Nota-se que não há mais castigos físicos, porém, persiste a punição pelo instrumento de avaliação mal elaborado, supõe que o aluno em sala faz os exercícios repetidos, ouve história, repete e depois reproduz, neste contexto não está atendendo a necessidade do aluno, não está aprendendo, isto é demonstrado no índice de notas baixas (CORRÊA, 1992).

Compreende-se que o sistema de educação demonstrada nesta obra usava o método pedagógico tradicional, a postura de se manterem afastado dos alunos, usar autoridade para descarregar sobre o aluno seus desamores, frustrações, problemas

particulares, ainda se repete muito, devido a sua má remuneração, a falta de materiais didáticos, estas e outras necessidades contribuem para o mau humor do educador. Muitas escolas acomodam os alunos somente as quatro paredes da sala de aula, utilizando somente o que está nos livros didáticos, não incentivam os alunos a buscarem novos conhecimentos em um pensamento amplo, criativo. Portanto, o livro mostra outra realidade, um outro modelo de escola, a escola da Vila Coroatá (CORRÊA, 1992).

Na escola da Vila de Coroatá, o há um modelo de educação que, em tese, aproxima-se do que se pretende que seja uma modelo de escola construtivista, na qual respeitam-se os saberes da pessoa educanda. Quando Cazuza chega pela primeira vez a essa sua nova escola, acompanhado de seu pai, ele percebe que a escola era muito diferente da escola do povoado. A diretora que o recebeu era simpática de voz mansa assim como as professoras. A escola era organizada para a idade de educação infantil, com enfeites na parede, com materiais pedagógicos à disposição dos alunos, as crianças tinham liberdade dentro da sala de aula, se expressavam sem nenhum constrangimento (CORRÊA, 1992).

Tempos depois, ele foi de mudança para um Colégio interno na cidade de São Luiz e continuou a estudar em escola que seguia os padrões diferenciados de ensino, pois o professor incentivava os alunos a pensar, usar o raciocínio para escrever redações, textos, colocava situações para eles pensarem qual seria a solução para resolver tal problema, os alunos construíam sua aprendizagem (CORRÊA, 1992). Segundo o entendimento da direção e dos professores do Colégio, o conhecimento não se encontrava pronto e acabado, e nem mesmo o homem: o ser humano está em constante aprendizagem. E, nesse sentido, procuravam oferecer aos alunos boa acolhida e bom ambiente para que eles pudessem aprender e desenvolver seus conhecimentos.

O conhecimento não é algo que se determina pronto, mas resulta da oportunidade dada ao indivíduo de se aprofundar mais em seu saber. Nesse sentido, entende-se que a criança, observadas suas respectivas faixas etárias e o desenvolvimento a elas inerentes, é capaz de construir seu conhecimento. Daí o termo construtivismo (PIAGET, 1999).

O conhecimento da criança acontece por etapa gradual, por meio do processo mental, o raciocínio se desenvolve à medida que a criança se relaciona

com o objeto surge o conhecimento faz assimilações utilizando à mente para interpretar o que ouve e vê, tendo como resultado a aprendizagem. Este construtivismo permite a criança (aluno) a promover a sua própria aprendizagem, com elaboração de pesquisa, trabalho em grupo, este procedimento faz surgir no aluno a dúvida, logo começam a fazer questionamentos sobre determinado assunto, o resultado desta ação gera reação, possibilitando a chegar ao resultado do questionamento feito no início (PIAGET, 1999).

Piaget (1999), diz que o conhecimento é organizar, estruturar e explicar, a partir de experiências vividas. O construtivismo de Piaget não se dá só do sujeito, mas do objeto e do sujeito, é a ação do sujeito (criança) sobre o objeto que está a sua disposição, logo constroem através de representações.

Vê-se que em todos os casos, a causa de ações sobre as quais versa o por que está inextricavelmente ligada ao objeto e à intenção que as dirigiu. O fenômeno é o mesmo que nos por que sobre a natureza, mas aqui é justificado, pois esses por que versam sobre as ações humanas. [...]. (PIAGET, 1999. p. 228)

Observa-se que a criança é capaz de aprender as atividades em relação ao ambiente que vive, permitindo o pleno desenvolvimento de sentimentos, sensações, ações sobre o mundo no qual vivem, sustentados pela manipulação de objetos concretos, é preciso à ação para agir e interagir com o mundo, para que aconteça a aprendizagem.

Percebesse-se ainda, que a criança ao longo do tempo torna-se capaz de fazer representações mentalmente. O desenvolvimento do pensamento é uma influência da linguagem e da socialização que a criança tem com o meio que está o seu convívio, nisso consiste a utilização de símbolo para representar a realidade. Isso significa que os objetos e acontecimento deixam de serem percepções imediatas e passam a fazer parte de um quadro conceitual e racional, o que contribui para o desenvolvimento do conhecimento.

No entanto, o conhecimento se originaliza da relação do sujeito com o objeto, o conhecimento acontece em meio as suas vivencias com o meio físico e cultural, por intermédio de trocas, o conhecimento surge na construção de perguntas e respostas, por quanto não é possível saber quais as perguntas, elas vão surgindo naturalmente do relacionamento do sujeito com o objeto. Percebe-se, que o

conhecimento adquirido é diferente e esse acontece em um processo de longo prazo (PIAGET, 1999).

O autor Rohrs (2010), referencia-se a obra “Maria Montessori”, o construtivismo está empregado na ação do indivíduo com os objetos, por tanto, Montessori criou vários materiais pedagógicos que são utilizados até aos dias atuais. Acreditava que as crianças eram capazes de se promover nas aprendizagens.

É por isso que se esforçava em estruturar a base motivacional do material didático de tal maneira que ele estivesse em contato com a esfera e a consciência da criança [...]. Esse processo somente pode ser bem sucedido se desenvolvido na liberdade, a qual entende-se, anda junto com a disciplina e a responsabilidade. As crianças são dotadas de uma compreensão intuitiva das formas de plenitude pela atividade independente. (ROHRS, 2010. p. 27)

Através deste trabalho com matérias didático aponta a ideia da satisfação que apresentam quando estão articulando estes materiais, cada conquista no realizar de algumas atividades proposta, demonstram que estão construindo sua independência na aprendizagem e a maturidade. O reconhecimento que recebem quando realiza uma atividade é um impulso para continuar a auto desenvolver-se, por isso, são considerados espírito absorvente, capaz de produzir e de construir sua aprendizagem (ROHRS, 2010).

As crianças são seres dotados de inteligência, por isso, há necessidade de ser bem cuidada desde o começo da vida infantil, nascem livres para desenvolver seus conhecimentos, por tanto correm o risco de se perder no caminho da aprendizagem. Por tanto, é essencial dirigir a criança para a aprendizagem que é designada pela natureza Rohrs (2010), porém, isso não lhe dá o direito de fazer tudo o que quiser de forma desordenada, mas ao educador cabe o direcionamento com a ordem natural.

O método construtivista é complexo e demandaria uma pesquisa bem mais aprofundada e um trabalho mais completo, o que foge ao intento desse, mas em linhas gerais, o que ora se descreveu o seu respeito possibilita entendê-lo para aos fins aqui desejados.

3 METODOLOGIA

Este capítulo busca descrever a forma pela qual foi organizado esse trabalho de pesquisa, partindo da necessidade de buscar refletir, analisa ainda mais sobre este objeto de estudo que é a educação infantil e de como esta pode contribuir no desenvolvimento da criança.

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho científico fundamenta-se no âmbito bibliográfico, na revisão de livros e artigos que tratam do assunto. Para compreendermos melhor sobre como funciona esse tipo de pesquisa de âmbito bibliográfico, Kauark; Manhães e Medeiros, (2010, p.26) a considera com: “Pesquisa Bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente, material disponibilizado na internet.”

Dessa forma, com base na análise das informações, e de leituras e interpretações que favorecerão no levantamento histórico acerca da educação infantil. No quais vários autores contribuem como base para a revisão bibliográfica dos quais se destacam: Aranha (2006), Gadotti (2003), Freire (1996), Perrenoud (2000), na intenção de contribuir com a fundamentação teórica. E ainda, em uma abordagem bibliográfica, tomamos como campo de análise à obra CAZUZA, de Viriato Corrêa (1992).

Assim, reteve-se como foco de pesquisa a compreensão, as mudanças sobre a educação infantil ao longo dos tempos, buscando como objetivo descrever os aspectos principais da história e analisar sob enfoque da educação tradicional e educação infantil, que se fazem presente na referida obra.

Percebe-se na obra de “Cazuza” de Viriato Corrêa, a história de uma criança que viveu experiências escolares diferentes, demonstrando o lado da escola clássica e a escola próxima de ser construtivista. Em sua primeira escola no povoado, Cazuza aprende de forma opressora, pois, era dever decorar todas as lições sem saber qual o significado. Na escola da Vila aprendia de forma lúdica e na escola da cidade aprendeu a ser crítico, colocar suas ideias no papel, construir redações usando seus próprios argumentos. Obtêm-se, assim, as informações necessárias

para a realização deste trabalho acerca da contribuição que a instituição de educação infantil pode contribuir no desenvolvimento da criança.

4 NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

As instituições infantis tiveram sua origem na Europa em meado do século XIX, as ideias, o modelo, a organização sobre a instituição foram sendo moldadas ao longo do tempo e as sugestões de “o que fazer” enquanto a criança estivesse presente foram sendo aperfeiçoadas ao longo do tempo. O surgimento dessas instituições se deu pelo desenvolvimento dos centros urbanos e das indústrias. Essas instituições de Educação Infantil estão relacionadas às escolas e ao novo modelo familiar com o pensamento moderno e também atendia às necessidades da sociedade industrial (ANDRADE, 2010).

No Brasil, o jardim de infância atendia as crianças de classe alta, a elite (as crianças de famílias mais valorizadas e de melhor condição material, com poder aquisitivo). O primeiro jardim de infância no Brasil foi criado no Rio de Janeiro em 1875, anexo ao colégio Menezes Vieira. Depois de dezenove anos em 1896, foi fundado o jardim de infância pelo poder público Caetano de Campos Andrade, (2010), esta instituição atendia a burguesia de São Paulo.

Para o atendimento à infância brasileira desvalida existiu, até 1874, a “Casa dos Expostos” ou “Roda”, instituição destinada ao abrigo e acolhimento das crianças desamparadas. Constata-se que as primeiras iniciativas foram resultantes de ações higienistas centradas no combate à mortalidade infantil, cujas causas eram atribuídas aos nascimentos ilegítimos (consequentes da união entre escravos ou destes com seus senhores) e também à falta de conhecimentos intelectuais das famílias para o cuidado com as crianças. (ANDRADE, 2010, p. 133).

O primeiro projeto destinado ao cuidado das crianças era para combater a mortalidade infantil, todas as rejeitadas, doente e sem amparo ficavam nessa casa, ali estavam sendo bem cuidadas e medicadas. As pessoas que ali prestavam serviços voluntários cuidavam com toda atenção, com o objetivo de nutrir e promover saúde a todas as crianças (ANDRADE, 2010).

Segundo Andrade (2010), somente no final do século XIX e no início do século XX, o Estado destinou pessoas para fiscalizar as entidades filantrópicas, com isso, se deu a aproximação do poder público para com a instituição de atendimento às crianças carentes. Somente em 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência a Infância do Brasil, essa instituição atendia menores de oito anos, cuidava da saúde e da higiene da criança, acolhia pobres, doentes, deficientes,

menores explorados e criminosos. Este projeto também incluía creches e jardins de infância.

Conforme explica Jesus (2011), há diferenças entre creches e jardins de infância, as creches tem o papel de dar assistência para as crianças a partir de quatro meses de idade. Enquanto os jardins de infância atendem crianças a partir de três anos de idade, preparando-as para a escola.

As creches eram destinadas as mães trabalhadoras, solteiras, viúvas e aquelas que não tinham condições de cuidar dos filhos por causa de doenças, entre outros problemas. As creches vieram para substituir a Casa dos Expostos, com o objetivo de minimizar os problemas sociais no que se referem à miséria, doenças, mães trabalhadoras e reduzindo a mortalidade infantil. A primeira creche fundada no Brasil foi no estado do Rio de Janeiro em 1889, ao lado da fábrica de Fiação de Tecido, Corcovado Andrade (2010), essa creche auxiliava as mães trabalhadoras.

Para Kramer; Nunes e Corsino (2011), a educação infantil e as práticas pedagógicas estão em constante construção e observação para melhor atender as crianças e esse processo envolve todos os educadores.

[...] Na formação inicial e na formação continuada, é crucial trabalhar com professores e gestores: concepções de infância e formas de inserção das populações infantis; concepções de linguagem, alfabetização, leitura e escrita; leitura literária; processos de imaginação e criação dos conhecimentos científicos e artísticos e seu papel na reflexão sobre as práticas; infância, juventude e vida adulta; cidade, diversidade e contemporaneidade; mudança. (KRAMER; NUNES e CORSINO, 2011. p. 79).

O acesso que o profissional tem ao conhecimento capacita os professores para trabalhar com as crianças, preparando-as para a escola regular, direcionando para a leitura e a escrita. A Educação Infantil tem a responsabilidade de formar leitores, garantindo à criança o acesso à cultura da leitura oral e escrita, com diversidade nos contos de história, dando oportunidade para a criança ter acesso à literatura diversificada. Essa relação que as crianças têm com os livros, ao ouvir história vai produzir na criança a vontade de aprender a ler e escrever. Esse é um desafio da Educação Infantil, alfabetizar a criança e torná-la um leitor com acesso aos mais variados gêneros literários. A Educação Infantil é à base do ensino regular,

por isso, os professores devem trabalhar de forma a produzir e despertar na criança o desejo de aprender. (KRAMER; NUNES e CORSINO, 2011).

Machado (2000), afirma que, outro desafio é a qualificação dos profissionais, anteriormente os professores leigos assumiam a sala de aula, pois a intenção era cuidar das crianças enquanto as mães estavam no trabalho. Hoje, exige muito do profissional, no entanto, não tem mais o dever apenas de cuidar, mas também de educar, o profissional deve ser especializado na área.

O professor habilitado faz toda diferença na vida da criança, através de sua formação tem a possibilidade de despertar na criança um mundo mágico. As crianças que frequentam as creches desde cedo, têm o desenvolvimento diferente daquelas que não frequentam, são mais interativas, sabem dividir os brinquedos, constroem sua autonomia, se relacionam com outras crianças. O profissional deve promover esta aprendizagem significativa na criança para ampliar suas competências (MACHADO, 2000).

[...] É a mediação dos adultos com os quais a criança se interage que viabiliza a apropriação de significados que, por sua vez, levam a construção da identidade, do desenvolvimento moral e da consciência de si, alterando sua percepção de mundo. A postura ideal do adulto encontra-se na mescla de garantir o respeito às necessidades e interesses da criança, os padrões e valores da cultura e da sociedade em que ela se encontra e amplia permanentemente as fronteiras de seu universo. (MACHADO, 2000, p. 196).

Enquanto a criança está na instituição de ensino, o professor deve garantir esta mediação do conhecimento para ampliar seu aprendizado, pois, antes mesmo de desenvolver sua fala, as crianças já possuem certo raciocínio. A interação que há entre o adulto favorece seu desenvolvimento lógico e físico. Nesse momento são rompidos os modelos tradicionais de educação, tendo como objetivo o desempenho da criança na sua livre expressão. O professor deve ter consigo elementos que instigam a criança a promover-se em conhecimento do novo, que estimulem a trocas de ideias entre os colegas de classe Machado (2000), isso implica na organização de atividades lúdicas em classe.

Como afirma Campos; Fullgral e Wiggers, (2006), outro desafio da educação foram diversas manifestações da sociedade para ampliar o atendimento nas creches, mães trabalhadoras precisavam deixar os filhos na creche para ir ao

trabalho, assim o poder público teve que ampliar as salas e construir novas creches para atender a demanda, isso na década de 70 e 80.

Há metas e desafios para serem cumpridas no documento do PNE (Plano nacional de Educação), estas metas foram formadas neste plano para garantir o direito da criança à educação básica com qualidade. A primeira meta do PNE para educação infantil é até 2016 anos atuais, garantir a todas as crianças de quatro e cinco anos estarem frequentando os CEIs (Centro de Educação Infantil) e as crianças de zero a três anos garantir vaga pelo menos para 50% estar em sala. Lembrando que, para que essas metas sejam executadas, o município deve ter apoio do Governo do Estado e do Governo Federal, os quais irão deliberar (ação de liberar) as verbas para a execução das mesmas (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

4.1 A ESCOLA INFANTIL E SUAS EXIGÊNCIAS

A escola é um dos melhores lugares que o ser humano passa a infância e a juventude, muitas pessoas têm boas recordações e nessa infância fazem amizades longas e duradouras (GADOTTI, 2007).

[...] A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação. (GADOTTI, 2007, p. 11).

Essa boniteza da escola que encanta e faz o indivíduo sonhar dá a certeza de que o futuro pode ser melhor, fazendo com que se busque cada vez mais conhecimento. Se a escola tem uma excelente estrutura ou se falta estrutura, o mais importante ela tem que são os alunos, professores e os demais profissionais. É na escola que as crianças aprendem a se relacionar, pois, é um estabelecimento social que contribui para a mudança social, transformando pessoas em um ser crítico, de bom caráter, cidadão responsável, capaz de proporcionar grandes mudanças no futuro.

Segundo o autor a escola é um lugar que possibilita reunir e estudar, conversar, discutir ideias, criticar, falar de tudo que acontece no mundo. Sozinha, a escola não pode e não consegue transformar o mundo, mas se estiver ligada com a sociedade grandes transformações podem acontecer. A escola apenas existe devido à sociedade, ambas são dependentes uma da outra. O ser humano está em constante construção e está condicionado a aprender conforme as necessidades que tem na sociedade que está inserido. A família é a primeira comunidade social que a criança aprende a conviver e está sujeito a aprender conforme os costumes familiares. A segunda comunidade social é a escola, surge então à necessidade de aprender e de se desenvolver conforme a escola ensina.

Quando a criança começa ir para a escola, é importante os pais acompanharem os filhos, pois, elas passam a conviver em um ambiente diferente e terá de fazer novas adaptações, o acompanhamento dos pais vai garantir à criança uma boa aprendizagem. É preciso entender que a escola apenas tem êxito se os alunos estiverem aprendendo, por isso é preciso envolver os alunos nas atividades para que aconteçam mudanças. Muitos projetos são fracassados por não ter a participação do aluno e esse é o principal protagonista desta história (GADOTTI, 2007).

Através da sociedade se tem a oportunidade de aprender, pois a mesma está em constante transformação e de certa forma a escola é responsável em preparar as pessoas para sobreviver nessa sociedade. É importante aprender a pensar, comunicar-se, pesquisar, ser autônomo de suas ideias, ter raciocínio lógico, aprender a conviver no coletivo, ser sujeito à construção de novos conhecimentos, estar sempre dispostos para novas aprendizagens. No entanto, o professor é o mediador para que aconteça a construção do conhecimento de seus alunos, pois, os mesmos devem ter curiosidade de construir e reconstruir sua aprendizagem a partir do que faz Gadotti (2007), o professor é quem vai despertar no aluno esse interesse, essa curiosidade e vontade de aprender. Todos sabem que a Educação Infantil é a base importante para a vida da criança, é a forma de prepará-la para o futuro.

Segundo Kramer (2006), a Educação Infantil e o Ensino Fundamental estão separados na visão dos adultos, todavia para as crianças não há separação. Entende-se que é no Ensino Fundamental que deve ser alfabetizado, porém, a criança já é alfabetizada na Educação Infantil, no Ensino Fundamental aprofunda-se

o ensino e acrescentam-se mais atividades e leituras. O que implica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental é garantir à criança uma boa aprendizagem. Todas têm vontade de aprender, o cuidado do professor, o carinho, a atenção, as brincadeiras é que fazem a criança despertar e aprender. Nesse momento da vida requer muito diálogo entre professor/aluno e família.

Um dos desafios para a escola foi a mudança realizada pelo Ministério da Educação que sancionou a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – altera a LDB e amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação pelos sistemas até 2010 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009).

Todas as crianças têm direito de ter acesso à educação gratuita. Com isso, o objetivo do Ensino Fundamental é garantir aos alunos um ensino de qualidade e com maior tempo de duração, possibilitando avanços na educação, preparando-os para ingressarem no Ensino Médio e Curso Superior com qualidade na alfabetização e no letramento (KRAMER, 2006).

Para Arelaro; Jacomini e Klein (2011), nesse período que a criança inicia na escola com seis anos de idade, é para se adaptar com as novas regras, aprender usar as carteiras ou mesas, separados uns dos outros, ter conhecimentos dos materiais pedagógicos, se familiarizar com os números e letras, aprender a se comportar dentro da sala de aula sem brincadeiras e começarem se concentrar, se organizar. Esse primeiro ano é para se adaptar com o ambiente escolar, começa a construção da identidade do aluno. Com essa lei em vigor as crianças não poderão ficar fora da escola, os municípios e o estado tem por obrigação ampliar as salas de aula e manter o maior número de aluno possível na escola.

4.2 O PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS COMPETÊNCIAS

Compreende-se que as discussões acerca da atuação do profissional vêm sendo questionadas há muito tempo, teoria e prática. Esse assunto sobre a atuação do profissional não envolve somente os que atuam na educação, mas em todas as áreas. É interessante ver ideias brilhantes para solucionar os problemas na teoria, porém o importante é saber se o profissional consegue colocá-las em prática e

solucionar o problema. Discorrendo sobre educadores a ação deve estar presente na teoria e na prática e se for preciso no imprevisto (FREIRE, 1996).

O docente tem que ter em prática um perfil qualificado para atuar na área da educação sem prejudicar a si mesmo e nem aos alunos. O educador precisa ser qualificado não só de preparo acadêmico, mas de qualificação humana, emocional equilibrado para ensinar aos alunos. Compreende-se que aprender numa educação libertadora, educa-se para si mesmo e para a sociedade que está inserido. No entanto, Paulo Freire (1996), que sempre lutou por educação revolucionária mostrando que a autonomia gera liberdade, afirma que.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996. p. 16).

Entende-se que há necessidade do educador aproveitar o conhecimento que vem com a criança, esse conhecimento que está relacionado ao seu bairro, sobre as enchentes, lixo, poluição. Sendo trabalhado dessa forma em sala de aula, faz com que o aluno amplie seu conhecimento, formando cidadão crítico com ideais produtivos. Essas experiências já vividas pelos os alunos possibilita ao aluno maior facilidade de aprender o conteúdo dos livros didáticos. Sendo assim, a aprendizagem não ficará apenas na teoria, mas na prática, o aproveitamento das aulas será maior. No momento de discutir com os alunos a realidade vivida no cotidiano, é dever do professor fazer com que associem a prática com a teoria, tendo uma aprendizagem sólida (FREIRE, 1996).

É de competência do educador a criticidade, a qualidade ser crítico, saber fazer críticas construtivas junto aos alunos. Saber abordar os assuntos, ensinando os alunos a desenvolver a criticidade, dessa forma estará formando pessoas que saibam realizar perguntas e analisar se as respostas condizem ao assunto que está sendo abordado.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo

e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade [...]. (FREIRE, 1996. p. 15)

Freire (1996) questiona que os professores devem ensinar os alunos a se promover da ingenuidade (deixar de se basear apenas no senso comum) para a criticidade (ter uma visão crítica do mundo). Deixar de ser simples, aceitando tudo o que os outros impõem sobre o indivíduo, mas se opondo dando sua opinião, questionando situações diversas. Essa tarefa de transformar ingenuidade em criticidade deve-se a prática educativa no conceito progressista. No entanto, o professor tem que ser crítico pesquisador, estar disponível a novos conhecimentos, trocar ideias, saber dialogar e lutar sempre por uma educação melhor.

Na verdade as pessoas nunca são iguais, assim deve haver a troca de experiências e diálogo. Cada ser humano tem consigo uma realidade diferente do outro, uma história a ser contada. Com as crianças não é diferente elas nunca vêm vazias de casa, sempre têm uma bagagem no seu interior, experiências e conhecimentos vividos em casa. No entanto, o professor autoritário não permite a criança viver com liberdade, seu poder ditatorial sufoca a liberdade do aluno se expressar, bloqueando a mente para novas aprendizagens (FREIRE, 1996).

Mas, o educador que luta por uma educação libertadora compreende que ensinar é respeitar o aluno, amar o diferente, ser solidário, ser humilde, ser criativo, ser alegre, ter consciência de que tudo não está pronto e acabado, mas que o ser humano está em constante construção. É de sua competência conquistar cada aluno, motivar e despertar a curiosidade que há no seu interior. É de sua responsabilidade suscitar a liberdade de adquirir conhecimento, promovendo a construção para um mundo melhor (FREIRE, 1996).

A busca de conhecimento junto aos alunos amplia sua aprendizagem, pois no futuro poderão produzir frutos que podem mudar gerações. Educar não é ser um professor autoritário que somente passa atividades, mas é uma forma de transmitir carinho, afeto, é um ato de conquista, de ver no aluno a transformação acontecer, aproveitando a oportunidade de ensinar para aprender. Segundo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a produção ou a sua construção. O educador precisa buscar conhecimento, planejar, pesquisar, trazer novas ideias, conhecer a identidade cultural de cada aluno e juntos em um processo de construção social adquirir conhecimento.

Para Perrenoud (2000), o educador tem várias competências que o torna capaz de ensinar com eficiência.

Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro lado, a situação de aprendizagem [...]. (PERRENOUD, 2000, p 26).

Organizar e dirigir situações de aprendizagens consiste em conhecer conteúdo da disciplina e ter como objetivo a aprendizagem, usar métodos de ensino através do que os alunos trazem consigo e ter domínio do que se ensina. O planejamento didático não é para ser um plano autoritário, mas para nortear a construção da aprendizagem. As avaliações são para ter controle do que os alunos estão aprendendo e quais as dificuldades a serem trabalhadas (PERRENOUD, 2000).

Para Perrenoud (2000) o educador deve administrar a progressão das aprendizagens. Consiste em analisar os problemas que envolvem os alunos, nortear os objetivos de ensino para sanar os problemas, tendo a avaliação como um método para medir o grau de dificuldade entre os alunos. O professor deve trabalhar com os alunos impondo situações a serem resolvidas pelos mesmos, instigando-os a usar sua inteligência para resolver os problemas, com o propósito de que se desenvolvam, oportunizando situações que os levem a pesquisar, já que todos têm consigo algo a serem transmitidos e compartilhados com os colegas.

O trabalho do professor é fazer a criança desenvolver o seu intelecto, tendo em si a capacidade de superar obstáculos. O educador deve proporcionar em sala de aula a oferta de aulas dinâmicas, incentivar os alunos a ser voluntários na participação das atividades, propondo desafios a serem cumpridos. Entende-se que é de competência do professor saber trabalhar com a tecnologia, utilizar editores de texto, softwares educativos, todas as ferramentas da mídia. A escola tem de ter à disposição do educador aparelhos eletrônicos, desde o mais simples ao mais sofisticado. Saber usar CD-ROM, projetores de tela, Datashow, notebook, tablet, hayphone, smartphone, etc., são de grande importância, pois a nova geração já nasce imersa ao mundo tecnológico. Segundo o autor, é ultrapassado usar mapas pendurados na parede já que na contemporaneidade a geração é tecnológica.

É pouco provável que o sistema educacional imponha autoritariamente aos professores em exercícios o domínio dos novos instrumentos, ao passo que, em outros setores, não se abra mão desse domínio. Talvez isso não seja necessário: os professores que não quiserem envolver-se nisso disporão de informações científicas e de fontes documentais cada vez mais pobres, em relação àqueles às quais terão acesso seus colegas mais avançados [...]. (PERRENOUD, 2000. p. 131).

Percebe-se, que o professor sem essas habilidades não chamará a atenção do aluno em suas aulas. É necessário o professor ser criativo na hora de ensinar, a tecnologia está presente dentro e fora da sala de aula, o importante é saber como direcionar as atividades para os alunos não se envolver nas redes sociais no momento de aula. Se o professor não se atualizar, não saberá responder os questionamentos que as crianças fazem sobre os aparelhos tecnológicos (PERRENOUD, 2000).

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho sobre a Educação Infantil está em análise na obra “CAZUZA” de Viriato Corrêa, na qual a obra traz ao conhecimento relatos de educação clássica com severas punições e também nos mostra relatos de uma educação próxima de uma educação construtivista, que proporciona aos alunos a construção da aprendizagem. Levou-nos a refletir sobre a importância dos cuidados da família e dos educadores, no desenvolvimento da criança e no processo educativo, no entanto, os devidos cuidados favorecem a criança um bom desempenho para a vida adulta.

Ao pesquisar sobre a educação clássica conclui-se que houveram grandes mudanças para a educação dos dias atuais. Portanto, a educação clássica se reduzia a transmissão de conhecimento, de meras repetições, memorização, opressão e severas punições. Uma educação que não permitia a criança construir, mas somente reproduzir informações sem mesmo saber o significado do assunto. Lamentavelmente, foi um período em que as crianças não tiveram oportunidade de viver uma infância com liberdade de se expressar, fazer perguntas, deixar fluir a curiosidade de “menino” que existia no seu interior, até mesmo em casa não tinham liberdade de conversar com os pais.

No decorrer da pesquisa observou-se que muitas mudanças ocorreram, partindo do cuidado da família e dos professores. Conclui-se que, cuidado familiar e cuidado educacional tem se tornado uma pista de mão dupla, uma vez que ambos têm que estar unidos, família, criança e professor. O desenvolvimento da criança avança a partir da aproximação entre família e instituição de ensino, sendo assim a criança sente segurança em frequentar o ambiente escolar, onde será uma extensão do lar.

As observações feitas por diversos estudiosos ao longo do tempo foram de grande importância na contribuição para as mudanças que hoje temos, no entanto no início de suas escritas pouco foram valorizadas, mas nos dias atuais são de grande valia, pois é através delas que se constroem métodos educativos para as crianças terem uma boa aprendizagem. Entende-se que a educação infantil é uma construção que se dá em longo prazo.

Compreende-se que há etapas importantes na vida infantil que não podem ser ultrapassadas, mas trabalhado na idade certa, incorporando ao processo educativo para proporcionar à criança a promoção da ingenuidade para a criticidade.

Durante o processo de pesquisa foi possível perceber que a modernidade trouxe mudanças significativas no meio educacional, dando a oportunidade da criança construir sua aprendizagem em um contexto cultural social, com a interação de relacionamento com o mundo, posicionando o professor como mediador dessa aprendizagem. Consiste neste processo de mediador o reconhecimento do educador sobre o aluno. No entanto, é dever compreender que o aluno não vai à escola sem nenhum conhecimento, assim faz-se necessário valorizar os conhecimentos preliminares que levam consigo.

Neste processo de mediação entre professor e o aluno, percebe-se que são quebrados os paradigmas de uma educação clássica, rigorosa, agora o objetivo da educação construtivista é favorecer na criança a sua livre expressão, sendo o professor é o elemento importante, responsável por despertar e instigar na criança o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, com a finalidade de construir a aprendizagem sobre a curiosidade de cada aluno.

Entende-se que a função da escola com os educadores, tem o dever de ensinar e de juntos construir conhecimento. Professores qualificados, especializados, atualizados com a tecnologia estarão prontos para ensinar. É fato que a tecnologia está presente na sociedade e faz-se ferramenta que ajuda o professor a trabalhar com mais facilidade, possibilitando e proporcionando aos alunos aulas diferenciadas e que estimulem a aprendizagem.

É importante a parceria da família com a escola, é uma forma de ambas compartilharem o desenvolvimento do aluno. Sendo que, os problemas sociais consistem na orientação escolar, sabendo que são eles que irão levar para dentro de casa ações que terão resultados na sociedade.

Considera-se que a pesquisa foi de grande importância, pois buscou compreender a evolução na Educação Infantil. A influência dos autores e suas contribuições numa abordagem construtivista, traz um olhar que tudo é possível se juntos construir aprendizagem humana. No entanto, a pesquisa proporcionou formas adequadas de se trabalhar com as crianças, mostrou métodos que fazem os alunos

pensar, questionar, pesquisar para encontrar soluções para resolver os problemas propostos nas atividades.

Propõe fazer com que o aluno absorva o conteúdo na situação de aprendizagem, com o intuito de o aluno saber aplicá-lo na vida e no meio que está inserido. Portanto, ao observar notas baixas, o educador deve procurar entender quais as dificuldades do aluno, se for preciso, deve mudar a forma de ensinar até que tenha certeza se o aluno está realmente aprendendo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo 2010: Cultura. Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2016.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**: geral e Brasil. 3º ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna 2006.

ARELARO, Lisete Regina Gomes. JACOMINI, Márcia Aparecida. KLEIN, Sylvie Bonifácio. O ensino fundamental de nove anos e o direito à educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 35-51, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a03.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Planejando a Próxima Década**: conhecendo as 20 metas do plano nacional da educação. Brasília, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica. Coordenação-Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de Nove Anos**. Passo a Passo do Progresso de Implantação. 1º ano é fundamental. Ed. 2º. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

COMENIUS Iohannis Amos. **Didactica Magna**. Digitalização de Didáctica Magna Introdução, Tradução e Notas de Joaquim Ferreira Gomes Versão para eBook eBooksBrasil.com. Copyright, 2001. Disponível em: <http://www2.unifap.br/edfísica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2016.

COMPOS, M.M.; FULLGRAF, J.; WIGGERS, V. A qualidade da Educação Infantil Brasileira: Alguns resultados de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0536127.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. 37ª ed. São Paulo Edição, 1992.

KAURK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/livrosdemetodologiadapesquisa2010.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R. e CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf>. Acesso em 14 ago. 2016.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf> Acesso em: 14 ago. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo, RS Feevale, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/boniteza.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

JESUS, Michele Maria. **O Lúdico no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil**. Universidade Presbiteriana Mackenzie Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Curso de Ciências Biológicas. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2011/2o_2011/MICHELE_MARIA.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

KUHLMA, Moysés. FERNANDES, Fabiana. Infância: construção social e história. In: Vaz Alexandre Fernandes; Momm Caroline Machado. (Orgs) **Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

MACHADO, Maria Lucia de A. Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, nº 110, p. 191-202, julho/ 2000. SP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a09.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. O Ensino do Trivium e do Quadrivium, a Linguagem e a História na Proposta de Educação Agostiniana. **Imagens da Educação**, v. 2, n. 1, p. 1 – 10. 2012. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Disponível em:< file:///C:/Users/Luciane/Downloads/15808-63488-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em 22 jul. 2016.

PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. - Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em:< <http://abenfisio.com.br/wp-content/uploads/2016/06/10-novas-competencias-para-ensinar.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2016.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. Tradução Manoel Campos. Ed. 7ª- São Paulo, Martins Fontes, 1999.

ROHRS, Hermann. **Montessori, Maria**. Trad. Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. Recife. Ed. Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4679.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1712-1778. **Emílio; ou, Da Educação**. tradução de Sérgio Milliet. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/emc3adlio-ou-da-educac3a7c3a3o.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2016.